

PERCEPÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL SOBRE O ECOSISTEMA MANGUEZAL

Larissa Ivana Silva Lima (1); Neuma Teixeira dos Santos (1)

*Universidade Federal Rural da Amazônia, larissaivana500@gmail.com; Universidade Federal Rural da
Amazônia, neumasantosufra@gmail.com.*

INTRODUÇÃO

Os manguezais são ecossistemas costeiros de grande importância ambiental, social e econômica, uma vez que são berçários naturais para diversas espécies utilizadas na piscicultura e por comunidades tradicionais próximas a ambientes costeiros. Porém este ambiente é visto pela maioria das pessoas como um lugar inóspito a vida e sem qualquer importância, e por conta disso acaba sendo explorado de maneira depredatória, gerando dificuldades na preservação do mesmo.

Uma das causas desse problema é a diferença de percepções por diferentes conjuntos sociais acerca da função e importância dos ecossistemas existentes em nosso planeta. Através da percepção as pessoas criam um modelo mental de como o mundo funciona, embora esta sensação seja provisória, pois à medida que novas informações são incorporadas, cria-se um novo mapa sensorial (MOLISANI, 2009). Portanto, projetar ações que contribuam para a criação de uma nova percepção é fundamental para a preservação de ambientes como o manguezal, e uma das ferramentas para que ocorra essa conscientização é a aplicação da educação ambiental em contextos não escolares.

De acordo com Higuchi, Zattoni e Bueno (2012), a educação ambiental em contextos não escolares permite o planejamento e execução sem a obrigatoriedade de relações de controle curricular. Isso permite uma ampla gama de experiências e vivências com o meio ambiente, atuando como um espaço de criações de novas percepções que podem ser aplicadas em qualquer conjunto social.

A despeito disto, o objetivo neste trabalho foi analisar a percepção dos alunos do projeto Estudos de técnicas de inteligência

computacional utilizadas como recurso tecnológico no monitoramento do ecossistema manguezal para preservação ambiental e planejamento energético da microrregião Bragantina (TECOPAM) antes e após o primeiro contato com o ecossistema manguezal utilizando como recurso a educação ambiental em contextos não escolares.

METODOLOGIA

- Roteiro

Foi elaborado um roteiro para reconhecimento das características do manguezal quanto à fauna, flora, zoneamento das espécies vegetais e odor do inconsolidado (“lama”). Este foi utilizado como guia de consulta para que os alunos associassem a literatura estudada com o que seria observado em campo.

- Visita

Os alunos juntamente com a orientadora realizaram uma visita a área de manguezal que fica localizada em São João de Pirabas (Figuras 1 e 2) com o intuito de observar as características do ambiente. A visita foi orientada por dois moradores da região, os quais foram repassando seu conhecimento sobre o ecossistema.

Foram retiradas fotografias do local visitado para posterior construção de banco de imagens para o projeto TECOPAM. Além disso, os alunos acompanharam e anotaram as características que o ambiente apresentava, comparando com as informações contidas no roteiro.

- Entrevista

Após o reconhecimento da área, foi realizada uma entrevista em forma de roda de conversa, onde os alunos puderam expor os conhecimentos adquiridos através da visita e destacar as diferenças em relação as informações que haviam sido apresentadas no roteiro, demonstrando as diferenças de concepções que tinham antes e após a visita. O diálogo foi gravado para posterior avaliação dos comentários de cada aluno.

Figuras 1 e 2 – Alunos do projeto TECOPAM em visita ao manguezal de São João de Pirabas.



Fonte: Banco de imagens do projeto TECOPAM.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a percepção dos alunos, a literatura não define completamente as características e a dinâmica do ecossistema de manguezal, fato que pode ser justificado pelo nível de complexidade ecológica apresentado por este ecossistema. Outra justificativa é a compartimentação das ciências na construção do conhecimento sobre meio ambiente abordada por Bernardes (2009), mostrando que o conceito de ambiente nas ciências geográficas e biológicas ao longo da história se constituíram de forma fragmentada e sem conexão, se limitando apenas a uma restrita ligação entre os diversos elementos que as formam e as evidenciam como ciência e por conta disso, o ambiente não é interpretando por inteiro.

Em relação a flora, os alunos conseguiram visualizar as características de cada gênero de mangue presente na área de estudo, como por exemplo, os pneumatóforos nas plantas pertencentes ao gênero *Avicennia*, as raízes adventícias bem destacadas nas plantas do gênero

Rhizophora, e o pecíolo avermelhado das espécies de Laguncularia.

Anteriormente a visita, os alunos acreditavam que cada espécie vegetal se encontrava em uma zona diferente da outra, porém, perceberam que as espécies estavam misturadas, com diferença de predominância nas zonas observadas. Também pôde-se perceber uma biodiversidade maior que a esperada, pois a maioria dos alunos achava que o manguezal era “só lama”.

As áreas de manguezais do município de São João de Pirabas, exceto as mais próximas dos campos, estão conservadas e são utilizadas como áreas de exploração de recursos semiaquáticos e aquáticos (ICMBio, 2016). Isto também foi relatado pelos alunos, pois foram vistos poucos resíduos sólidos e poucas modificações antrópicas no ambiente, sendo um exemplo a área de pastagem que foi encontrada.

Os alunos também ressaltaram a importância sobre o conhecimento do ecossistema que aquela comunidade apresenta, como por exemplo, a utilização de raízes de *Rhizophora mangle* como remédio natural para diarreia.

CONCLUSÃO

Através deste trabalho, foi possível perceber na prática que a educação ambiental em contextos não escolares e o contato com a natureza são ferramentas muito eficientes na construção de novos saberes e percepções, pois a visita ao manguezal possibilitou aos alunos um contato direto com o ambiente, gerando assim a agregação de novos conhecimentos e a construção de novas percepções acerca do ecossistema.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, F. F. (Meio) ambiente: quebrando paradigmas na literatura e no ensino da geografia e da biologia – resultados preliminares. In: 10º encontro nacional de prática de ensino da geografia, 10, 2009, Porto Alegre. Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20\(68\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20(68).pdf)>. Acesso em 10 de setembro de 2017.

HIGUCHI, M. I. G.; ZATTONI, M.; BUENO, F. P. Educação Ambiental em contextos não escolares: definindo, problematizando e exemplificando. Revista Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 7, n. 2 – p. 119-131, 2012. Disponível em:

<<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/6865/4968>>.

Acesso em: 08 de agosto de 2017.

ICMBio. Relatórios com diagnóstico socioambiental referente à proposta de criação da Resex São João de Pirabas e ampliação da Resex Chocoaré Mato Grosso. 2016. Disponível em:

<http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/o-que-fazemos/consultas_publicas/S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_de_Pirabas.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2017.

MOLISANI, M. M. Indução da percepção sobre os bens e serviços de um ecossistema (rio Macaé, Macaé, RJ) em alunos do ensino fundamental sob o enfoque da ecologia perceptual. REMEA. Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental. v. 22, 2009.

Disponível em: < <https://www.seer.furg.br/remea/article/view/2806/1581>>. Acesso em: 08 de agosto de 2017.